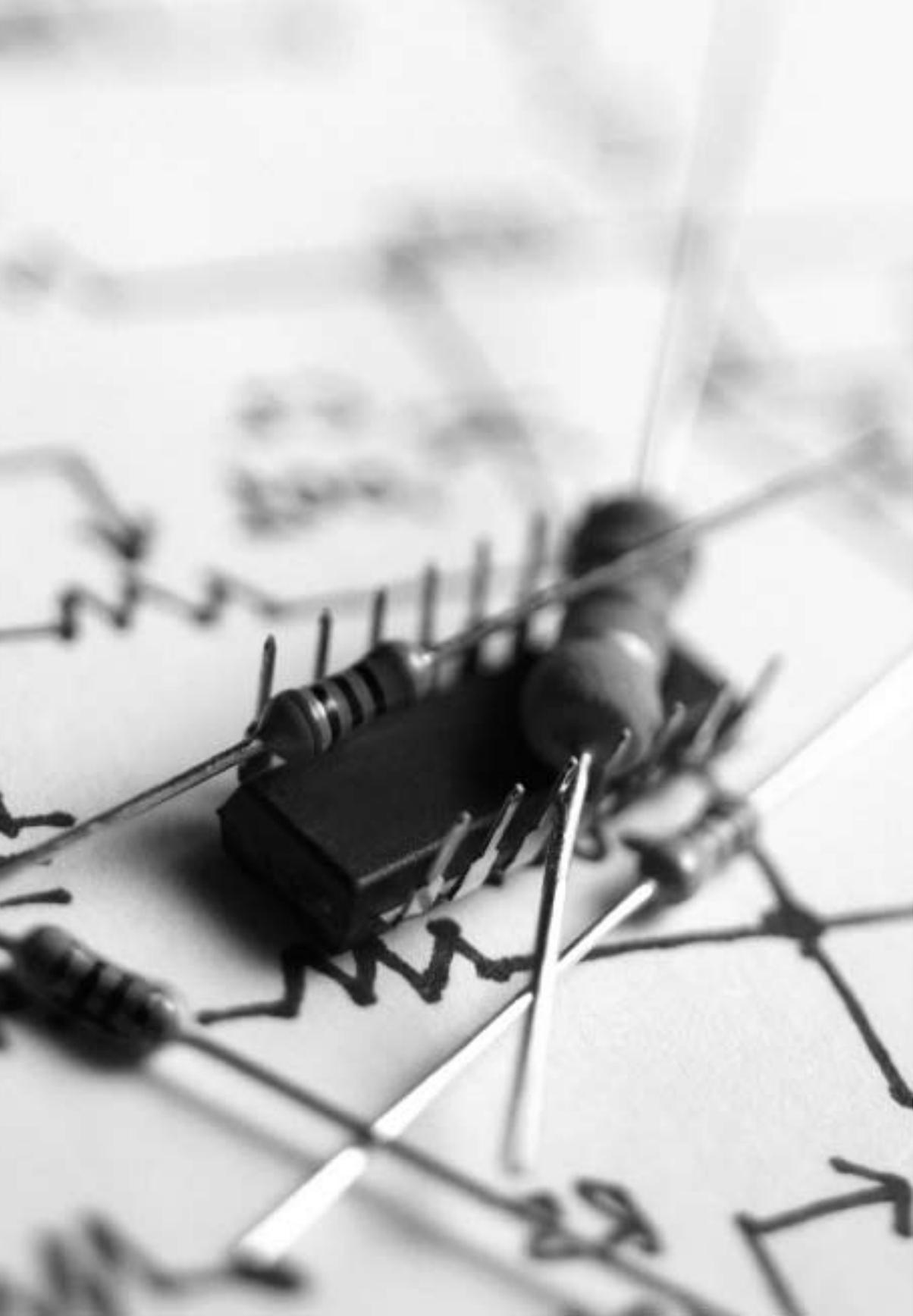


fórum

Semiose. Design. Comunicologia.





A teoria da *Umwelt* de Jakob von Uexküll: apresentação

EDUARDO FERNANDES ARAÚJO

Muitos foram os pensadores que, conscientemente, empreenderam reflexões críticas sobre o alcance exequível de uma doutrina dos signos: alguns a entenderam como a pedra angular de um edifício de conhecimentos responsável pela elucidação dos mecanismos sociais de produção de linguagem humanamente arbitrada – tais como Ferdinand de Saussure, Louis Hjelmslev, Algirdas Greimas etc; já outros, diferentemente, como uma disciplina que ombrearia com as demais hermenêuticas sociais na convergência investigativa daquela imanência de valores e crenças, que adeja qual um gás onipresente e condicionante das condutas humanas – a exemplo de Mikhail Bakhtin, Roman Jakobson, Iúri Lótman etc; há aqueles também que a consideram como o limiar mais altivo de ideologia e utopia que o eu-discursivo humano é capaz de engendrar, e que tão-só mediante suas ferramentas é possível desmontar os artificios dos códigos estabelecidos – entre eles Roland Barthes, Umberto Eco etc; e outros ainda, assumindo, em abstrato como em geral, tal doutrina de signos antes como uma entre várias etapas, e não mais como o fundamento, indubitavelmente crucial para uma arquitetônica filosófica ocupada com a mente humana e seus modos de entendimento e produção de conhecimento – estes seriam João de São Tomás (Jean Poinsot), Duns Scotus, John Locke, Charles S. Peirce etc.

Na indulgência dos perigosos reducionismos supraditos, e alienadas daqui as minúcias filigranadas de gentil esclarecimento adrede rigoroso, porquanto não conviriam ao específico talhamento argumentativo doravante apresentado, o fato de relevo no momento é que todos aqueles pensadores sustentavam uma postura cônica de estar empreendendo uma semiótica, ou ainda, um estudo acerca dos tipos de signos e seus respectivos processos de produção. Além disso, e mormente, seus

escopos de obstinada preocupação — catorema salutar de todo espirito científico — miravam o *corpus* cultural construído pela mundividência predominantemente humana. Seria forçoso sublinhar, portanto, que, a depender de tais semióticas, permaneceríamos cogitando sobre o que é a realidade e a verdade apenas pelos filtros antropossemiósicos.

A despeito de qualquer detração denunciante de um pretense historicismo heróico que possa repousar nestas entrelinhas, impõe-se justo trazer a lume o pensador que deslocou, ou mesmo ampliou, o alcançamento do conceito de realidade e de verdade para além das fronteiras da assinatura antropocêntrica, valendo destacar que ainda esta se nutriu de suas contribuições para exatificar os substratos biológicos de sua própria maquinaria semiogerativa. Tributário da obra do biólogo estoniano Jakob Johann von Uexküll (1864 / †1944) é o fito à questão de que para a programação pré-perceptiva humana o mundo dito objetivo será filtrado e moldado em "antropocoisas", já para a do carrapato há "ambliomocoisas" apenas, bem como àquela da aranha só ocorrem "aracnocoisas". O tempo tal qual aparece a nós, e é por nós traduzido, difere do tempo como o caramujo o conhece; o espaço que nossa mente está apta a conceber provavelmente se distingue tanto daquele concebido pelo condor quanto daquele pela serpente, e talvez as plantas nem saibam o que é isso. A bolha de "realidade" e de "verdade" que estamos evolutivamente programados a conhecer é serva do aparato perceptivo-operacional com que a pulsão de permanência nos equipou.

Alheio aos empreendimentos explicitamente semióticos de alguns de seus contemporâneos, e pagando pedágio ao idealismo filosófico kantiano, J. von Uexküll formulou, pouco antes de sua morte, uma teoria da significação (*Bedeutungslehre*, 1940) entendida por ele menos como uma doutrina taxonômica e continuísta de signos do que como um jogo dicotômico, e outrossim cíclico, entre um a *priori* e um a *posteriori*, entre uma "racional subjetiva" versus uma "fenomênica objetiva": entre um mundo de dentro para fora (*Umwelt*) e um outro de fora para dentro (*Innenwelt*), entre um campo peceptivo-paciente (*Merkwelt*) e uma esfera operativa-agente (*Wirkwelt*). Em sua teoria da significação, os conceitos da *Umwelt* e do círculo funcional são muito caros e cuidadosamente elaborados ao longo de 17 obras publicadas em vida e mais 16 de edição póstuma, estas organizadas principalmente por Georg Kriszat e Thure von Uexküll, filho de Jakob. À sua primeira publicação, *Guia para o estudo da biologia experimental dos animais aquáticos (Leitfaden in das Studium der experimentellen Biologie der Wassertiere*, 1905), seguiu-se o livro em que ele começou a prenunciar aquele que seria o conceito chave de sua implícita semiótica: *Os mundos externo e interno dos animais (Umwelt und Innenwelt der Tiere*, 1909).

Jakob von Uexküll iniciou seus estudos biológicos em 1884, na então Universidade de Dorpat (atual Tártu Ülikool), Estônia, e, após sua formatura, deu seguimento a seus estudos sobre fisiologia na Universidade de Heidelberg (atual Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg), Alemanha, sob a orientação do biólogo Wilhelm Kühne (1837 / †1900), mudando-se em seguida para a Universidade de Nápoles (atual Università degli Studi di Napoli Federico II), Itália, oportunidade em que aprofundou seus conhecimentos sobre zoologia. Volta em 1907 a Heidelberg, de onde recebeu o título de Doutor Honoris Causa por suas pesquisas acerca do comportamento fisiológico muscular, com base nas quais ele começou a ensaiar uma "lei da *Umwelt*". Dirigindo, a partir de então, suas preocupações investigatórias a entender como os seres vivos percebem subjetivamente seu ambiente externo e como o resultado daquelas percepções influencia seu *modus faciendi*, lança a obra inaugural desta vertente de pesquisas, já supracitada, em 1909. Em 1927, funda o Instituto de Pesquisa da *Umwelt* (Institut für *Umweltensforschung*), na Universidade de Hamburgo (Universität Hamburg, Fachbereich Biologie), Alemanha, contexto que ensejou a publicação da segunda edição, melhorada, de sua obra *Biologia Teórica (Theoretische Biologie*, 1928), considerada o marco fundador da filosofia da biologia, pois que nesse livro Uexküll chama a atenção para uma biologia não só restrita a descrições sobre estruturas anatômicas, porém notadamente às subjetividades dos seres vivos, bem como do ser humano (sendo observador-pesquisador). Graças à elaboração de sua obra Teoria da Significação, em 1940, Uexküll galgou o reconhecimento de pai da Biossemiótica e precursor da Biocibernética.

Para além do idealismo kantiano que lhe serviu de paradigma, e hoje alvo de críticas pertinentes quanto a sua falibilidade, a pesquisa sobre a *Umwelt* de J. von Uexküll conseguiu "transcender" o apriorismo de Kant ao elaborar, com base em anos de estudo, uma postura de cientista-observador que assume, dentro dos limites de sua *Umwelt*, aquela óptica *sui generis* de outro ser vivo, resguardando o máximo de uma descrição isenta de antropomorfismos, e abandonando finalmente as categorias transcendentais da razão pura. Segundo seus biógrafos e especialistas em sua obra, J. von Uexküll promove esse deslocamento do idealismo clássico alemão — em que conhecemos apenas aquilo que nosso a priori nos permite modelar —, para uma doutrina implicitamente semiótica que atenta a todas as naturezas possíveis de sistemas de signos independentemente do tipo de observador.

A *Umwelt* (assim mesmo no feminino, respeitando o gênero da palavra alemã, *Die Umwelt*) é aquela interface filtrante que patrocina a seletividade da percepção, e que foi impressa em cada espécie vivente pelo processo evolutivo de permanência no mundo, e que também medeia as decisões operacionais de conduta de cada ser vivo

segundo seus interesses de sobrevivência, como um diálogo reativo às ocorrências fenomênicas de seu correspondente *habitat*, ou poderíamos mesmo dizer semiosfera, arriscando a considerar aqueles animais com capacidade de laboração simbólica – tais como os caninos, felinos, símios, cetáceos, e os insecta de organização social. Percepção (do mundo) e Operação (no mundo) são as duas fases cíclicas conduzidas pelas costuras de sentido de um terceiro, a bolha *Umwelt*, cuja programação semiótica agencia as limitações e possibilidades cognoscitivas específicas de cada espécie vivente: a miríade espontânea de fenômenos da *Innenwelt* é sempre filtrada pela polícia alfandegária da *Umwelt*. É neste sentido que o conceito da *Umwelt* repousa no coração da teoria da significação de J. von Uexküll, como o alvo pesquisado, ou objeto epistemológico, das descobertas descritíveis que orquestram o ritmo de todo e qualquer processo vital: as disparidades e comunalidades sîgnicas de todas as *Umwelten* existentes.

O ajuste necessário da importância de sua teoria da significação nos termos da moderna semiótica começou a ser promovido por seu filho, o médico Thure von Uexküll, autor do artigo que se segue, e cujo esforço de adaptação/tradução explicativa da obra do pai torna-se evidente por seu zelo conceitual e pela acurada referência bibliográfica dos marcos teóricos que lhe serviram de partida, merecendo destaque as introversões oferecidas pela filosofia peirceana. Deve-se reparar, por conseguinte, que é de responsabilidade do filho a introdução sistêmica da teoria de seu pai no quadro hodierno de investigações semióticas (em especial, a Biossemiótica), cuja terminologia e ideário não freqüentavam a habitação léxica original de J. von Uexküll. Destarte, a teoria da *Umwelt* ora explanada é obra de ambos os senhores Uexküll.

Thure von Uexküll (1908) é doutor em medicina e professor emérito da Universidade de Ulma (Alemanha). Seus principais interesses de pesquisa são medicina interna, medicina psicossomática, filosofia e semiótica. Entre suas publicações estão *O sentido da vida* (*Der Sinn des Lebens*, 1942, com Jakob von Uexküll), *Realidade como mistério e missão* (*Wirklichkeit als Geheimnis und Auftrag*, 1945, com E. Grassi), *O Homem e a Natureza: características de uma Filosofia Natural* (*Der Mensch und die Natur: Grundzüge einer Naturphilosophie*, 1953), e *Teoria da Medicina humana* (*Theorie der Human-Medizin*, 1988, com W. Wesiack).

O artigo adiante oferecido é antológico nesse processo de inserção e constante revisão do limiar semiótico como recorte de investigação. Em nome do corpo editorial da revista *Galáxia*, ficam registrados nossos profundos agradecimentos ao professor Kalevi Kull e, mais especialmente, ao professor Winfried Nöth, por terem generosamente intermediado todo processo de contato com o sr. Thure von Uexküll,

a quem somos igualmente gratos pela autorização de tradução e publicação deste texto aqui no Brasil.

EDUARDO FERNANDES ARAÚJO é designer gráfico, tradutor e professor de comunicação e metodologia projetual no Curso Superior de Design (CEFET/Pernambuco). Mestrando do PEPG em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), onde desenvolve pesquisa sobre os processos visuais de persuasão do design gráfico, sob a orientação da Profª Drª Lucrécia D'Alessio Ferrara.

dubol@yahoo.com, eduardo.araujo@cefetpe.br

Artigo redigido especialmente para a versão brasileira.